REVISTA SENTIDOS DA CULTURA

Breve olhar sobre Belém do Grão-Pará

Un bref aperçu de Belém do Grão-Pará

Paulo Maués Corrêa

Secretaria de Educação-SEDUC/PA

Belém-PA

Resumo

O presente estudo corresponde a uma versão da comunicação apresentada em um evento virtual desenvolvido pelo CUMA, em janeiro de 2021, como forma de marcar o aniversário do escritor Dalcídio Jurandir e da cidade de Belém. Trata-se de um passeio por esses dois tópicos, numa análise que corresponde a vagar sobre o texto-cidade dalcidiano e sobre a cidade-texto encrustada no seio da Amazônia, levando também em consideração outro tema relacionado e relevante para a nossa História: a Cabanagem. Creio que, numa edição comemorativa do CUMA, deixar registrada esta fala em sua revista seja algo importante.

Palavras-chave: Dalcídio Jurandir; Belém; Cabanagem.

Résumé

La présente étude correspond à une version de communication présentée lors d'un événement virtuel développé par le CUMA, en janvier 2021, pour marquer l'anniversaire de l'écrivain Dalcídio Jurandir et de Belém. Il s'agit d'un tour de ces deux thèmes, en une analyse qui correspond à une déambulation à travers la ville-texte dalcidienne et le texte-ville situé au cœur de l'Amazonie, en prenant également en considération un autre thème connexe et pertinent pour notre Histoire: la Cabanagem. Je crois que, dans une édition commémorative du CUMA, il est important d'enregistrer ce discours dans son magazine

Mots-clés: Dalcídio Jurandir; Belém; Cabanagem.

Esta breve comunicação, obviamente, evoca o título de um livro meu sobre o romancista Dalcídio Jurandir: *Um olhar sobre Belém do Grão-Pará, de Dalcídio Jurandir* (Corrêa, 2008). Entretanto, há que se demarcar, por conta do tempo fronteiriço em que se situa sua apresentação original, 11 de janeiro de 2021, uma ambiguidade, pois situada num ponto que corresponde a um dia depois do aniversário de Dalcídio, 10 de janeiro, e a um dia antes do aniversário da fundação de nossa cidade de Santa Maria de Belém do Grão-Pará, 12 de janeiro, além de poucos dias após a data marco da Cabanagem, pontuada pela tomada da capital pelos cabanos em 7 de janeiro de 1835.

Com base nessa ambientação inicial, faço uma leitura que se debruça sobre o texto-cidade de Dalcídio e sobre a nossa cidade-texto, Belém. Esta exposição é primordialmente motivada pelos fios femininos de Ariadne, especialmente por estarmos num terreno de inegável, reconhecido e conquistado poderio feminino, neste CUMA em que temos Icamiabas/Matintas como Renilda Bastos, minha amiga, professora e orientadora, Dia Favacho, plena de sensibilidade (alusão a seu livro *Educação Sensível na voz de Calados: poesia e memória em regime crepuscular*, 2018, do qual fiz a revisão), Isabelle Pantoja e Daniele Lobato, as missivistas que escreveram para Dalcídio e Belém (no caso, Maria de Belém Menezes, referência à participação delas nos dois livros *Epístolas Poéticas: Maria de Belém Menezes e Dalcídio Jurandir*, de 2020 e 2024, organizado por Josebel Akel Fares e Paulo Nunes), Délcia Pombo – delícia de brincar com as palavras –, tantas outras (perdão pela curta relação, mas sintam-se todas representadas pelas citadas), e, principalmente, Bel Fares, Matinta-mor e a rainha das Icamiabas, que jamais se deixaria dominar por Macunaíma (Andrade, 2001) e que nunca formaria sozinha uma constelação, por certamente preferir brilhar dividindo este céu com tantas outras estrelas, que, diferentemente do que se costuma dizer das Icamiabas do Nhamundá, não extirpam um seio e nem excluem a nós, homens, de sua companhia permanente.

Minha premissa básica é de que moramos em uma cidade mulher – "Belém, Belém, menina morena", diz a canção de Chico Sena –, e essa mulher é como a Yara, prenhe de Amor e Morte. Quanto ao Amor, o menino Alfredo o sente pela desejada Belém em *Chove nos campos de Cachoeira*, desejo partilhado com a mãe, pois, "Quando as chuvas voltavam, então era que D. Amélia sentia mais desejos de levar Alfredo para Belém" (Jurandir, 1995, p.17). É a mãe quem o acompanha na chegada para a tão sonhada morada em Belém, e Alfredo se veste com roupa nova como quem vai encontrar uma namorada: "Que luz a do seu olhar cheio de uma cidade que era só sua, não daqueles

barqueiros, nem de sua mãe nem daquela gente alheia e indiferente que passava. Sua" (Jurandir, 2004, p.80-81).

Eros se insinua, mas Tânatos também está à espreita, na alusão ao necrotério – Eros acolhido, Tânatos negado: "Preferia que houvesse atracado defronte das quatro torrinhas do Mercado de Ferro que davam a Alfredo a impressão das casas turcas vistas no *Dicionário ilustrado*" (Jurandir, 2004, p.79). Esse mercado pode ser visualizado neste registro histórico em forma de cartão-postal:



Imagem retirada de *Belém da Saudade* (1998, p.52).

A cidade é atração e repulsa, metaforizadas na "lanterna dos afogados" trabalhada por Luís Heleno Montoril del Castilo (2020), a qual seduz com sua luminosidade e arrasta para o fim. Esse fim é pressentido por Alfredo na insinuação do necrotério e reforçado na cena chocante da senhora bem vestida que foi em busca de uma encomenda: uma menina, mercadoria – na verdade, conforme Castilo (2007, p.150), antimercadoria, pois que nada atraente: "uma menina de nove anos, amarela, descalça, a cabeça rapada, o dedo na boca. Metida num camisão de alfacinha" (Jurandir, 2004, p.83). Esse drama teria sido o vivido por Libânia (Corrêa, 2008, p.39), agregada da família Alcântara em *Belém do Grão-Pará*, e também pela Senhora do *Velas por quem?*, conto de Maria Lúcia Medeiros – roubar o fio da vida é a suprema imagem da morte: "Fatal foi teres chegado de madrugada, teus olhos de sono, quando ainda a cidade se espreguiçava e teres visto o casario, as ruelas tortuosas, os homens a gritar nomes e coisas"(Medeiros, 1994, p.11).

Mais do que sugestivo o nome da embarcação que trazia a "encomenda": Deus te guarde – ironia dalcidiana. A cooptação de crianças se dá devido à miséria no interior do

Estado, e, no romance *Marajó*, Dalcídio Jurandir dá uma mostra desse processo, quando o casal Antônio e Jovenila está em mísera andarilhagem pelos campos do Marajó e um canoeiro faz a abordagem ao enxergar a pequena Rita: "— Vocês me dão que eu levo ela pra Belém. Conheço quem precisa de uma menina assim" (Jurandir, 2008, p.315) – ela seria mais uma "encomenda", mas resistiu, e os pais não insistiram para que fosse.

Para além da figuração, a morte se mostra em cores e banalizada, na cidade mulher, quando Alfredo resolve olhar pelas grades do necrotério, espaço que pode ser visto na sequência, em registro histórico dos mais conhecidos:

> Através das grades, na última pedra do morgue, aos fundos, ao pé da janela sobre o rio, um cadáver, nu, o tronco esfolado em que se espalhava uma camada de gordura. Alfredo não via os braços nem precisamente o rosto, nítida apenas a gordura crua do defunto (Jurandir, 2004, p.84).



Imagem contida no *Álbum do Estado do Pará* (1908, p.57).

Foi assim que Alfredo "logo sentiu obscuramente que a morte na cidade se despojava daquele pudor, decência e mistério que a todos transmitia em Cachoeira" (Jurandir, 2004, p.85). Sua primeira grande decepção foi saber que os campos de Cachoeira não seriam trocados pelos "campos da Holanda" (Jurandir, 1995, p.15), pois sua viagem era para um além, e a embarcação que o trouxera – a São Pedro – não

desembarcou nas portas do céu, mas se transmutou na barca de Caronte e o deixou no Hades, onde havia sim uma visão mais terrificante, mas também os Campos Elísios, evidenciados no passeio que Alfredo fez conduzido por Libânia:

> E da Doutor Moraes, sem lhe dizer nada, Libânia levou ele ao Largo da Pólvora. Alfredo reconheceu velhas fotografias de sua intimidade: O Teatro da Paz, o Grande Hotel, a estátua da República, todo o *Álbum Comemorativo do Centenário de Belém* de corpo presente (JURANDIR, 2004, p.129).

Parte desse trajeto se centraliza no entorno da Praça da República, registrada desta forma em 1908:

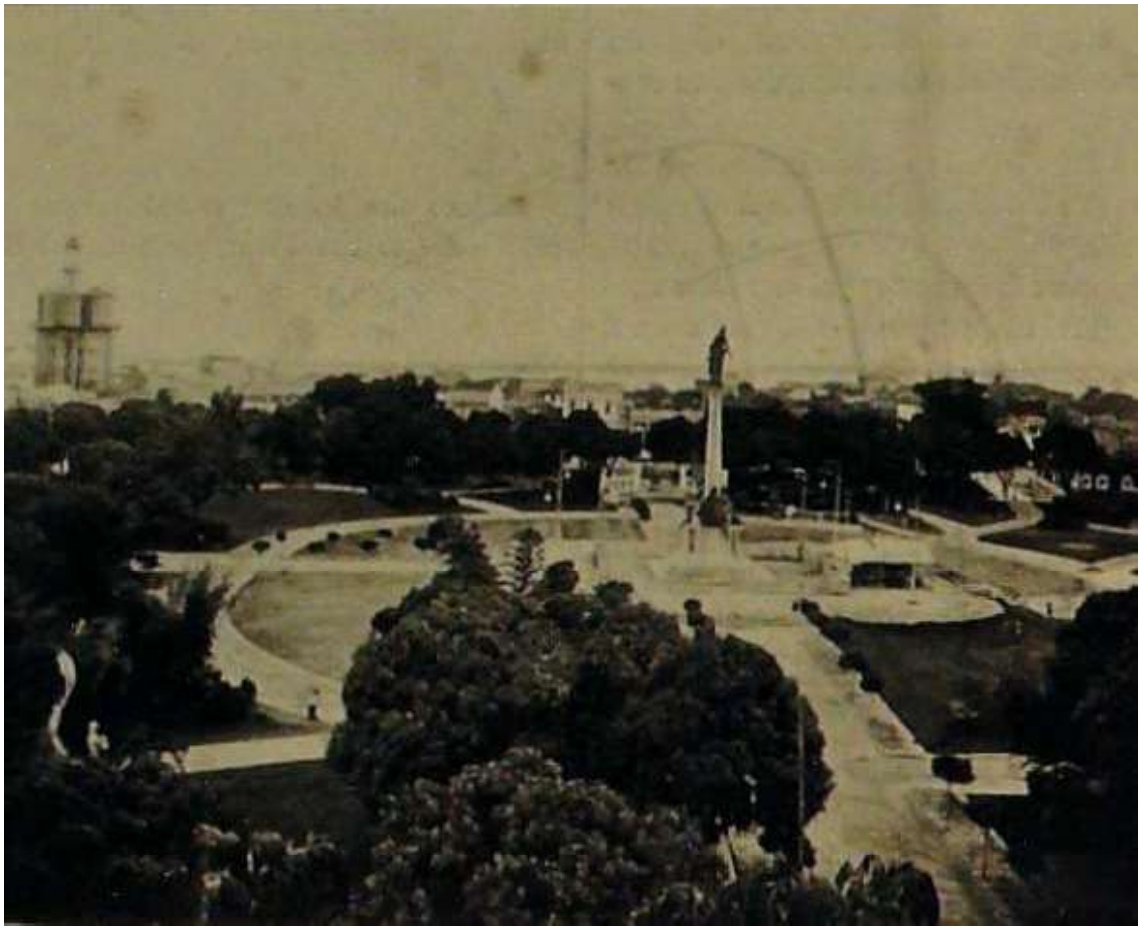


Imagem retirada do *Álbum do Estado do Pará* (1908, p.54). Ao centro, em plano elevado, a estátua da República.

Há muito a *Belle Époque* se finara – em *Marajó*, coronel Lafaiete se lamenta: "Ah! Meus tempos de borracha! 'Tinha dinheiro! Tinha dinheiro!" (Jurandir, 2008, p.184) –, por isso não usei a expressão francesa *Champs-Élysées*, do sonho da Paris n'América, e a opção pelo vernáculo abre espaço para o reverso, o Tártaro, os temidos Covões, que não

aparecem no suntuoso *Álbum* do Governador Augusto Montenegro, de 1908, mas que são citados com ironia por D. Inácia quando o casarão de Nazaré ruía: — "Daqui da mansão vamos para o veraneio, subimos pros Covões, a residência imperial. Vamos para as pompas dos Covões, senhora dona Emília" (Jurandir, 2004, p.520).

A chegada de Alfredo é a repetição da chegada de tantos à cidade: naturalistas como Alfred Russel Wallace (2004) e Henry Walter Bates (1979) e até mesmo o Padre Antônio de Morais, protagonista de *O Missionário*, de Inglês de Sousa (1992). Alfredo penetra nessa "Nortista gostosa" cantada por Manuel Bandeira (2007, p.131), se depara com a confirmação da sua condição de Tio Bimba – caboclo, gente do sítio – e tem contato com as entranhas da cidade, figuradas na recepção inusitada de uma mulher bêbada que levanta a saia e mostra sua genitália em público, impactando "os olhos assombrados" (Jurandir, 2004, p.87) do jovem Alfredo.

As implicações psicanalíticas dessa cena são significativas, mas já as abordei no meu livro sobre o autor marajoara (Corrêa, 2008, p.53-61), de modo que prefiro fazer uma nova incursão, em reforço à visão pouco paradisíaca que demarquei anteriormente: "Está aqui e está nos infernos, a mesma coisa é, melhor é lá" (Jurandir, 2004, p.87).

Essa é uma das faces de Belém – a da mulher bêbada, "escura, magra, descabelada" (Jurandir, 2004, p.87) –, mas não a única. D. Inácia, matriarca dos Alcântara, esposa de Seu Virgílio e mãe de Emília, é outra face da Belém, pois "Parecia-lhe mulher das ruínas, dos luxos mortos, das coisas acabadas do lemismo" (Jurandir, 2004, p.158) – a decadência da cidade se inscreve na personagem.

Essa mesma ruína, noção tão explorada na leitura de Dalcídio Jurandir feita por Marli Furtado (2002), possui mais espelhos, que refletem o esplendor perdido de uma época bela que só deixou rastros e está patente na senhora que Seu Virgílio encontrou durante a fuga provocada por sua consciência, pesada pelo ganho com a muamba na Alfândega. Ela era uma antiga prostituta, a quem, nos tempos áureos, um antigo amante disse: "Puta, tu tens o rosto de pele de borracha suando. Tens um rosto de pele de borracha nova, mal saindo da defumação" (Jurandir, 2004, p.498).

No presente da ação, eis como ela passou a ser descrita:

> Encontrou na esquina ao pé da Caixa-d'Água uma mulher morena, gorda um pouco, de chinelos, mas tão pálida, que, à luz das lâmpadas que acendiam, se tornava arroxeada, os lábios roxos-roxos, como murchados. Sua palidez no escuro, agora que seguiam para uma travessa escura, lembrava um rosto passado no azeite de dendê (Jurandir, 2004, p.495).

Corpo explorado, usurpado, como a Belém de igarapés aterrados, de corpo devassado pelos grandes falos que surgem a cada dia alterando a paisagem, danificando sua "pele de borracha nova", e o maior emblema dessa violação, bem num delta de Vênus da cidade, se chama Manuel Pinto da Silva – isso mesmo, Pinto! O que mais comentar?! Ela, a cidade, cujo corpo se caracteriza pela sinuosidade das ruas da Cidade Velha, é afrontada pelas retas fálicas – pleonasmo meu – das ruas que a cercam pelas extremidades: Almirante Barroso, Pedro Miranda, Marquês de Herval...

Entretanto, a despeito dos ataques, essa mulher resiste. Aterrar é esconder a água sob a terra, água que volta sobre nossas cabeças – "As chuvas desabaram, desmanchava-se a cidade no aguaceiro" (Jurandir, 2004, p.108) – e correm sob nossos pés, cobrindo nossos sapatos e invadindo casas. Ação e reação: a terra que cobriu a água passa a ser coberta pela mesma água, e a cidade fica de bubuia como o "romance rio" [*roman fleuve*, expressão de Romain Rolland que Benedito Nunes (2006, p. 246) aplica à narrativa dalcidiana] ou a "aquonarrativa", para usar o conceito cunhado por Paulo Nunes (2001) a partir da obra de Dalcídio Jurandir.

As faces mais agradáveis da mulher Belém se encontram justamente atreladas à natureza e representadas especialmente por um dos sentidos – o olfato. E Mãe Ciana, considerada por Luís Heleno Montoril del Castilo como "feixe movediço fantasmático a atravessar a cidade artisticamente luminosa vendendo papel de cheiro; uma espécie de espectro de um tempo envelhecido e esquecido" (2021, p.107), é a máxima representação desse aspecto, justamente por vender os "cheiros" preparados com ervas do Pará e que também tinham um quê afrodisíaco, tanto que, segundo Seu Lício, seu amor antigo, ela "é como a árvore pracuúba cheirosa. Madeira muito resistente que cheira a rosas quando se queima ou se corta" (Jurandir, 2004, p.505) – Belém é a "Cidade pomar" anunciada por Bandeira (2007, p.130), e o Ver-o-Peso é o universo de fragrâncias derivadas das ervas e de outras milongas, que se sintetizam na imagem do sono de Libânia: "O sono dela era exalação de ervas, resinas, essências, cascas e flores pisadas, raladas, misturadas por Mãe Ciana" (Jurandir, 2004, p.368).

A despeito da forte presença do olfato, historicamente há a demarcação de que, na nossa cultura, a audição também é vital, tanto que o naturalista Wallace, em meados do século XIX, registrou: "Três coisas são essencialmente do agrado do povo brasileiro: música, barulho e fogos de artifício" (2004, p.54) – somente o terceiro item remete também à visão, prevalecendo, no conjunto, a audição.

Em Dalcídio, os fogos se fazem presentes na apoteose do Senador Lemos – lembremos também que major Alberto, pai de Alfredo, era o "mestre em pirotecnia" (Jurandir, 1995, p.67) em *Chove nos campos de Cachoeira*. O barulho corta o livro e a cidade, com destaque para o produzido pelo bonde: "Aí ao pé dos bondes passando, havia um barulho incompatível com a sua [de Alfredo] solidão e orgulho" (Jurandir, 2004, p.311).

Quanto à música – para muitos, simples barulho –, há várias referências aos sinos da cidade: "B'lém, B'lém, Belém, Belém', repetia Alfredo baixinho, imitando Andreza em Cachoeira quando falava da cidade" (Jurandir, 2004, p.79) – mais um eco da poesia de Bandeira: "Bembelelém / Viva Belém!" (2007, p.130), que reverbera também no poema *Igrejinha*, de Paulo Nunes: "Bem-be-le-lém / qual o bem? // Bem-be-le-lém / o que vem?" (Nunes, 2002, p.14).

No entanto, a música se mostra mais imponente na presença de um instrumento símbolo da *Belle Époque*: o piano. Mas esse instrumento passa a ser símbolo da decadência da aristocracia representada pela família Alcântara, pois, quando o casarão de Nazaré desabou, segundo José Arthur Bogéa, "a desolação se reflete no piano abandonado 'ao pé da mangueira'" (2003, p.25).

Durante a fase do resplendor da *Belle Époque* e do lemismo, era básico que as moças de família tocassem piano, daí Dione Colares, em ensaio sobre a presença desse instrumento no romance dalcidiano, considerá-lo um "incontestável ícone de época" (2020, p.15). Emília estudava para aprender a tocar, mas teve que parar depois da queda do Senador Lemos.

Tudo o que representava os tempos do Senador decaiu, ruiu, como o piano, que ficava na sala "como um jazigo" (Jurandir, 2004, p.77), e também outro objeto: o gramofone do padrinho de Alfredo.

Na visita que o jovem protagonista fez ao seu padrinho Barbosa, não encontrou mais aquilo de que ele se lembrava de uma visita passada: a menina, um ganso branco e o padrinho escutando o gramofone que o vizinho Governador Augusto Montenegro ouvia de passagem. A menina, já moça, "conversava, murchamente" (Jurandir, 2004, p.101), mais uma representação de decadência feminina que espelha a decadência da própria cidade; o ganso estava muito velho; o gramofone, depois da derrocada, estava "Escuro, mudo, insondável" (Jurandir, 2004, p.101). Até o padrinho encontrava-se num estado demarcado por sua própria casa: "Baixa, envelhecida, como se fosse aos poucos se afundando, a casa parecia a consciência da ruína de seu dono" (Jurandir, 2004, p.99).

Musicalmente falando, no romance, para usar uma expressão de José Miguel Wisnik, a "paisagem sonora" (2006, p.54) da cidade é composta também por outros instrumentos, como flauta e violão. Para além da ficção, depois, seríamos conhecidos como a terra das aparelhagens de som.

Para estender minha *flânerie* (Benjamin, 1989) por *Belém do Grão-Pará*, evoco o autor que melhor associou texto e cidade em um título de trabalho sobre Dalcídio Jurandir: Vicente Salles. É seguindo seus passos que piso neste *Chão de Dalcídio* e pinço inúmeros aspectos da cultura popular que comprovam o quanto o romancista foi um contador de histórias – argumento reforçado em outro ensaio de Salles –, ilustração do tão conhecido argumento do estudioso segundo o qual há um *continuum* erudito-popular, que "funciona também no sentido popular-erudito configurando um processo comum a todos os povos" (2016, p.20).

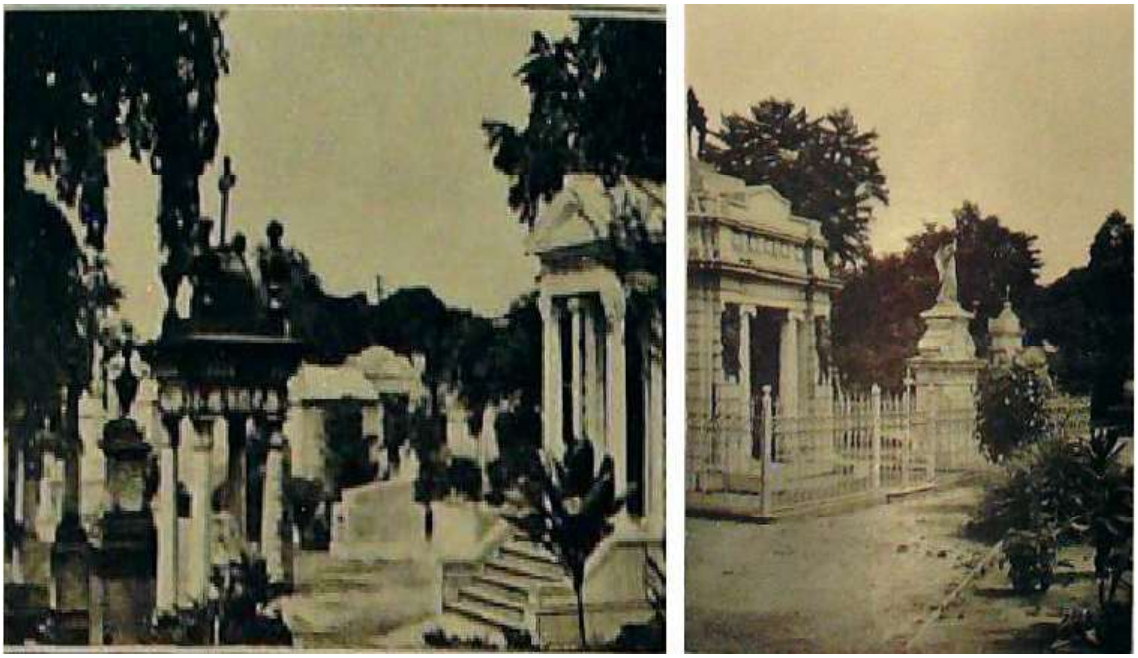
Como adendo, vale destacar que, em 2024, os ensaios de Vicente Salles sobre Dalcídio Jurandir foram reunidos em um único volume, *Dalcídio Jurandir por Vicente Salles*, publicado pelo selo da Editora Paka-Tatu e organizado por mim e pela incansável Marena Salles.

Assim, rastreio algumas narrativas que circulam na tradição oral da cidade e que se encontram no romance de Dalcídio. Nesse sentido, ampliando meu olhar para ambos os gêneros, destaco Antônio, mais um dos agregados dos Alcântara, que foi "roubado" da casa de uma vizinha rival da Gentil Bittencourt, trazendo consigo somente um "santo de pau", "meio comido de bicho, um Santo Antônio" (Jurandir, 2004, p.272). Ele era conhecedor de histórias: "Antônio, por exemplo, era aquela cabeça de contar estórias, uma memória, uma invenção!" (Jurandir, 2004, p.434). Ele "estoriava, e roças, e bichos e pescarias, e navios apitando no Guamá, fosse ver no trapiche, nem sinal de navio, era a boiuna" (Jurandir, 2004, p.347).

Contava histórias da princesa Jamarina, que tinha as águas como reino, de Mãe do Mato/Curupira. Esse aprendizado da palavra veio de uma tradição de narradoras:

> Antônio dizia que isso era contado, para assustar as crianças, contado por uma tia, a tia escutou da boca duma velha entendida em semelhantes assuntos, muito assombradeira, disque morava num forno velho de farinha, no rio do Carmo, não morreu, sumiu-se (Jurandir, 2004, p.350).

Uma presença forte de infortúnio na cidade é o Soledade, o cemitério da varíola, da febre amarela, epidemias que assolaram a região a partir de 1850 – ano de inauguração do cemitério –, de modo que Libânia alude aos fantasmas das vítimas da varíola em particular: "Estes, alta noite, costumavam sair do Soledade e rondar o bairro. passeando em caleches, espiando, atrás das mangueiras, o trem do Curro passar, rouco e esfalfado, sangrando sobre os trilhos roídos" (Jurandir, 2004, p.130-131).



No *Álbum do Estado do Pará* (1908, p.52), há essas duas imagens do Cemitério da Soledade. A primeira é uma visão geral, ao passo que a segunda é do túmulo do General Gurjão.

Desse mesmo cemitério, a menina contou de uma visagem que puxava o chapéu de quem passasse perto da grade e, certa vez, seu cabelo foi puxado, pois ela não possuía chapéu – mais uma marca da pobreza?!

Nesse chão dalcidiano, há muitas histórias, mas também há muita História, e nele também foi derramado sangue cabano, entrelaçando histórias e História, como se vê no comentário de D. Inácia a respeito da casa de Nazaré: "— Acredito que tenha a idade da cabanagem, pelo menos do tempo da febre amarela. Aqui tem sangue enxuto, tem osso plantado, fortuna escondida. Ou a peste" (Jurandir, 2004, p.383).

A lenda do dinheiro enterrado é uma das justificativas para o aparecimento de assombrações. De forma mais pontual, Seu Lício comenta com vistas ao movimento

revolucionário da Amazônia do século XIX: "— Aquele sangue não secou. É plebe, pura. Dele me orgulho, é a minha fidalguia" (Jurandir, 2004, p.501).

A revolta popular ocorrida no município de São Miguel do Guamá, comandada por Jerônimo Paxiúba, noivo de Etelvina, a fugitiva da casa da vizinha da Gentil Bittencourt, também evoca a Cabanagem, pois D. Inácia pergunta à sua vizinha Ludovina: "— A senhora não acha que pode virar uma cabanagem?" (JURANDIR, 2004, p.278). De imediato, a presença da Cabanagem é percebida também porque o nome do revolucionário o liga a uma genealogia literária no tocante a revoltas populares, pois o associa a um personagem do livro *Contos Amazônicos*, de Inglês de Sousa, o famoso Matias Paxiúba, de *O Rebelde*, texto do qual preparei uma edição comentada com trezentas notas de rodapé (Corrêa, 2016).

Esse texto de Sousa trata da Cabanagem, episódio em que Matias Paxiúba, o brasileiro, se defrontou com Guilherme da Silveira, o marinheiro, numa alegoria do embate entre o nativo e o português: "parece que o ódio das duas raças, a conquistadora e a indígena, se tinha personificado naqueles dois homens, cujos nomes eram o grito de guerra de cada um dos partidos adversos" (Sousa, 1988, p.100).

O final da peleja foi favorável a Paxiúba, que afirmou com orgulho: "Sou filho da onça, neto do tamanduá e mano do jacaré!" (Sousa, 1988, p.120), para mostrar sua força e bravura. O naturalista Wallace, que, conforme dito anteriormente, visitou a Amazônia em meados do século XIX, ao se referir à madeira paxiúba, a define como sendo a "mais admirável" das palmeiras da região perto de Belém e destaca que "sua principal singularidade é que as raízes estão, pela maior parte, acima do solo e as que morrem são sucessivamente substituídas por outras" (2004, p.69). Portanto, como afirmo em meu livro sobre Dalcídio (Corrêa, 2008), Jerônimo é como se fosse a raiz que surgiu em lugar da anterior, Matias.

Dalcídio, caboclo marajoara, se deixou seduzir por Belém, mas também a seduziu, e estamos debruçados sobre seu romance, prova de que ele deve ter sido ferroado pela formiga taoca, que dotou Sebastião, tio de Alfredo, com o dom da sedução, a ponto de esse "homem, dum negrume altaneiro" (JURANDIR, 2004, p.335), seduzir Dolores, a branca de "rosto alvo e corpo arisco, [que foi] sumindo naquele homem que a queimava com um fogo negro" (JURANDIR, 2004, p.338).

Essa interface entre Literatura e História é uma das marcas da produção literária na Amazônia, especialmente no Estado do Pará, e os exemplos são muito amplos, havendo uma relação preparada por mim em ensaio anterior (Corrêa, 2023, p.17).

Todas essas inferências e o variado conjunto de intervenções que compõem a fortuna crítica dalcidiana só foram possíveis porque o romancista é a ilustração da assertiva de Barthes (1992, p.18) segundo a qual a Literatura é um monumento que comporta todas as outras disciplinas das humanidades.

Como fechamento desta breve explanação, gostaria de retomar o fio inicial: a demarcação de um espaço fronteiriço que já visualizamos em relação ao tempo – fronteira entre as datas elencadas –, mas que também era o espaço do próprio Dalcídio Jurandir, entre sua aldeia e o mundo, assim como de Alfredo, entre o sonho e a realidade, entre Belém e Marajó, entre a preta (sua mãe, dona Amélia) e o branco (seu pai, Major Alberto)... e, de um tempo para cá, acrescento, entre o presencial e o virtual, forma originalmente adotada para a apresentação deste trabalho, no Seminário que o CUMA dedicou a Dalcídio e a Belém, em 2021.

REFERÊNCIAS

Álbum do Estado do Pará. Paris: Chaponet, 1908.

ANDRADE, Mário de. **Macunaíma: o herói sem nenhum caráter**. 32.ed. Belo Horizonte/São Paulo: Garnier, 2001.

BANDEIRA, Manuel. **Estrela da vida inteira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007. (Biblioteca do Estudante)

BARTHES, Roland. **Aula**. 6.ed. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1992.

BATES, Henry Walter. **Um naturalista no rio Amazonas**. Trad. Regina Régis Junqueira. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1979. (Reconquista Brasileira; 53)
Belém da Saudade: a memória de Belém do início do século em cartões-postais. 2.ed. Belém: Secult, 1998.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas III. Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo**. Trad. José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense: 1989.

BOGÉA, José Arthur. **Bandolim do diabo (Dalcídio Jurandir: fragmentos)**. Belém: Paka-Tatu, 2003.

CASTILO, Luís Heleno Montoril del. Das Cidades. In: ASSIS, Rosa (Org.). **Estudos Comemorativos Marajó – Dalcídio Jurandir – 60 anos**. Belém: Unama, 2007. p.139-156.

CASTILO, Luís Heleno Montoril del. **Lanterna dos Afogados: ensaios de literatura, história, cultura e cidade na Amazônia**. Curitiba: Appris, 2020.

CORRÊA, Paulo Maués. **Um olhar sobre Belém do Grão-Pará, de Dalcídio Jurandir**. Belém: IAP, 2008. (Prêmio IAP de Edições Culturais)

CORRÊA, Paulo Maués. **Anotações sob O Rebelde, de Inglês de Sousa**. Belém: Paka-Tatu, 2016. (e-book)

CORRÊA, Paulo Maués. **Quarteto de Eros: o erotismo em quatro autores da Amazônia – Alfredo Garcia, Daniel da Rocha Leite, Haroldo Maranhão, Maria Lúcia Medeiros**. Belém: Sapucaia Pockets, 2023.

FARES, Josebel Akel; NUNES, Paulo (Orgs.). **Epístolas Poéticas: Maria de Belém Menezes e Dalcídio Jurandir**. Belém: Paka-Tatu, 2020.

FARES, Josebel Akel; NUNES, Paulo (Orgs.). **Epístolas Poéticas: Maria de Belém Menezes e Dalcídio Jurandir – da piracema ao paneiro de recortes**. Belém: Paka-Tatu, 2024.

FAVACHO, Dia. **Educação Sensível na voz de Calados: poesia e memória em regime crepuscular**. Belém: Paka-Tatu, 2018.

FURTADO, Marli Tereza. **Universo derruído e corrosão do herói em Dalcídio Jurandir**. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP, 2002.

JURANDIR, Dalcídio. **Chove nos campos de Cachoeira**. 4.ed. Belém: Cejup, 1995.

JURANDIR, Dalcídio. **Belém do Grão-Pará**. Belém: UFPA; Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa, 2004. (Coleção Ciclo do Extremo Norte)

JURANDIR, Dalcídio. **Marajó**. Belém: EDUFPA; Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa, 2008. (Coleção Ciclo do Extremo Norte)

NUNES, Paulo. Aquonarrativa: uma leitura de Chove nos campos de Cachoeira, de Dalcídio Jurandir. In: FARES, Josse & NUNES, Paulo. **Pedras de Encantaria**. Belém: Unama, 2001.

NUNES, Paulo. **O mosquito qu'engolhiu o boi**. Belém: Paka-Tatu, 2002.

SALLES, Vicente. **Lundu: canto e dança do negro no Pará**. Coord. Jonas Arraes. Belém: Paka-Tatu, 2016.

SALLES, Vicente. **Dalcídio Jurandir por Vicente Salles**. Organização de Marena Isdebski Salles e Paulo Maués Corrêa. Belém: Paka-Tatu, 2024.

SOUSA, Inglês de. **Contos Amazônicos**. 2.ed. Rio de Janeiro: Presença; Brasília: INL, 1988. (Coleção Resgate/INL)

SOUSA, Inglês. **O Missionário**. 3 ed. São Paulo: Ática, 1992. (Série Bom Livro)

WALLACE, Alfred Russel. **Viagens pelo Amazonas e rio Negro**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2004. (Edições do Senado Federal; v.17)
WISNIK, José Miguel. Machado Maxixe: o caso Pestana. São Paulo: PubliFolha, 2006.

SOBRE O AUTOR:

Paulo Maués Corrêa

Licenciado em Letras pela Universidade Federal do Pará – UFPA (2001). Especialista em Literatura e Suas Interfaces, pela Universidade do Estado do Pará – UEPA (2004). Mestre e Doutor em Estudos Literários (UFPA, 2006 e 2020). Professor do Colégio Augusto Meira, SEDUC/PA. Ganhador do Prêmio Carlos Nascimento (gênero Ensaio), no Concurso Literário Anual da Academia Paraense de Letras – APL (2000, 2004, 2008 e 2015), do Prêmio IAP de Edições Culturais/2008, do Prêmio Literário da Fundação Cultural do Pará/2017, do Prêmio Uirapuru/2021, da Editora Folheando. Contemplado em editais geridos pela Secretaria de Cultura – SECULT (Livro e Leitura – Lei Aldir Blanc Pará, 2021) e pela Fundação Cultural do Pará (Seleção Pública de Obras Literárias e de Não Ficção, 2023). Membro do NUPECEAM – Núcleo de Pesquisas e Estudos do Colégio Estadual Augusto Meira e dos Grupos de Pesquisa Makunaíma (CNPq/UFPA) e CUMA (CNPq/UEPA). Autor de estudos sobre Literatura e Cultura da Amazônia. Produtor de material cultural para o *YouTube* (@PauloMauesCorrea).

ORCID: https://orcid.org/0000-0001-8692-624X

E-mail: paulomauescorrea@yahoo.com.br

Recebido: 28/06/2024

Aprovado: 22/08/2024